

A BIOPOLÍTICA COMO RACIONALIDADE DO LIBERALISMO: CONEXÕES FOUCAULTIANAS

Autora: Francisca Juliana Barros Sousa Lima¹
Coautora: Kácia Natalia de Barros Sousa Lima²

Resumo: O filósofo francês Michel Foucault (1926 – 1984) em seus cursos ministrados na prestigiosa instituição *Collège de France* destacou o ponto chave entre “estado territorial” e “população” e o conseqüente aumento da importância da vida da nação como um problema específico do poder soberano que progressivamente torna-se Estado Liberal. Partindo das análises foucaultianas das transformações do conceito de vida, biopoder e segurança pretende-se demonstrar a genealogia da racionalidade política moderna do liberalismo na sua feição Biopolítica.

Palavras- Chave: Michel Foucault, Liberalismo, Biopolítica, Governamentalidade.

Biopolitics as rationality of the liberalism: foucauldian conexions

Abstract: French philosopher Michel Foucault (1926-1984) in his courses given in the prestigious institution *Collège de France* showed up the key point between “territorial state” and “population” and the following increase of the nation's life importance as a specific problem of sovereign power which progressively becomes Liberal State. Proceeding on the foucauldian analyses of life's concept conversions, biopower and security, it is intended to demonstrate the genealogy of Liberalism as modern political rationality into its biopolitical feature.

KeyWords: Michel Foucault, Liberalism, Biopolitics, Governmentality.

¹ Aluna do Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE).

² Aluna da Graduação em Filosofia (UECE) e participante do Grupo de Estudos Foucaultianos (GEF-UECE).

INTRODUÇÃO

Paul-Michel Foucault (1926-1984), filósofo contemporâneo, nasceu em Poitiers, foi aquele que delineou como as práticas e os saberes vêm se desnudando nesses últimos séculos fabricando o que entendemos como *sujeito moderno*. É a partir do estudo de sua monumental obra que podemos utilizá-la como ferramenta para se pensar com criticidade o presente. Como bem assinala Richard Rorty, podemos identificar Foucault entre os filósofos que aquele define como edificantes, quais sejam, os filósofos dotados de reatividade, aqueles que “destroem para o bem da sua própria geração”.³

A maior parte dos especialistas⁴ costuma periodizar o pensamento foucaultiano em três grandes fases: arqueologia⁵, genealogia⁶ e ética⁷. Esta sistematização combina elementos metodológicos e cronológicos. De acordo com essa periodização, a fase arqueológica engloba as seguintes obras, a saber: *História da Loucura* (1961), *O nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966) e *A arqueologia do saber* (1969). A segunda fase, a genealógica, por sua vez, é comumente iniciada com a famosa conferência inaugural proferida no *Collège de France* intitulada *A ordem do discurso* (1971) passando por obras como *Vigiar e punir* (1975) e o primeiro volume da *História da sexualidade – A vontade de saber* (1976). A terceira e última fase, a fase ética, corresponde aos segundo e terceiro volumes da *História da sexualidade*, respectivamente, *O uso dos prazeres* (1984) e *O cuidado de si* (1984).

A passagem da fase arqueológica para a fase genealógica, como também a passagem da fase genealógica para a fase ética devem ser entendidas e analisadas de modo que a primeira fase sirva de aparato teórico para a seguinte, e conseqüentemente que a segunda fase se constitua como aparato e complemento teórico para a terceira

³ RORTY *apud* VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*, p.16

⁴ Pesquisadores como Salma Tannus Muchail e Roberto Machado defendem a divisão do trabalho foucaultiano em três grandes momentos.

⁵ “A arqueologia não se ocupa dos conhecimentos descritos segundo seu progresso em direção a uma objetividade, que encontraria sua expressão no presente da ciência, mas da *episteme*, em que os conhecimentos são abordados sem se referir ao seu valor racional ou a sua objetividade. A arqueologia é uma história das condições históricas de possibilidade do saber.” (Castro, E. *Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, p. 40)

⁶ “A diferença entre arqueologia e genealogia é aquela que existe entre um procedimento descritivo e um procedimento explicativo (...) a genealogia tenta, recorrendo a noção de ‘relações de poder’, o que a arqueologia deveria contentar-se em descrever.” (MOREY *apud* VEIGA-NETO, *Foucault e a educação*, p. 63)

⁷ “O termo ética refere-se a todo esse domínio da constituição de si mesmo como sujeito moral.” (Castro, E. *Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, p. 156)

fase. Vale salientar, que essa periodização pode nos levar a alguns equívocos, como bem explana Veiga-Neto:

Ainda que bastante prática, ela sugere que, em termos de metodologia e de problemas, Foucault tenha percorrido uma sequência cronológica, com rupturas entre uma fase e a subsequente. Tal não aconteceu. Além do mais, tal periodização leva a pensar que cada fase encerre uma teoria e um conjunto de técnicas suficientes e independentes uma da outra - do discurso, do poder e da subjetivação. Mas, ao invés da separação entre elas, o que se observa claramente é uma sucessiva incorporação de uma pela outra, num alargamento de problematizações e respectivas maneiras de trabalhá-las.⁸

É possível reconhecer elementos que caracterizam a fase arqueológica em outros períodos do trabalho filosófico de Foucault. Assim, podemos inferir que a periodização realizada nas obras de Foucault não compreende necessariamente a ruptura de posicionamentos e problemáticas entre uma fase e outra, mas sim uma ampliação da análise das problemáticas propostas. Outra periodização relativa à obra de Michel Foucault, também tripartida, tomando como critério a análise relativa sobre a *ontologia do presente*⁹ é a proposta pelo pesquisador Miguel Morey. A *ontologia do presente* é “uma ontologia crítica de nós mesmos”¹⁰, o que importa não é descobrir o que somos, mas saber como nos tornamos o que somos. Tomando como critério esse horizonte de análise percebemos que Morey classifica a obra de Foucault de modo que a referida periodização é menos atemporal e diferente das classificações tradicionais.

Os três eixos propostos por Morey são: ser-saber, ser-poder e ser-consigo onde os mesmos são diferenciados, a partir da maneira que Foucault entende essas relações do ser. Essa constituição de sujeitos de conhecimento, característica no primeiro eixo, engloba obras como *História da Loucura*, *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*. O segundo eixo, no qual o sujeito se constitui como propulsor de ação sobre os outros, remete a obras como a *História da Loucura* e *Vigiar e punir*. O terceiro e último eixo está relacionado à nossa constituição como sujeitos morais e abrange as obras *História da Loucura* e *História da sexualidade*.

⁸ VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*, p.38

⁹ A expressão “ontologia do presente” foi utilizada pela primeira vez na aula de 5 de janeiro de 1983 do curso *Le gouvernement de soi et des autres*, realizado no Collège de France.

¹⁰ VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*, p.40

LIBERALISMO E POLÍTICA

Tomando como base as considerações gerais acima desenvolvidas, percebemos que a partir de 1970, Foucault conduzirá seus estudos filosóficos para as relações de poder e para o âmbito político. Mudança essa ocorrida após sua eleição para o magistério junto ao *Collège de France*, na disciplina de História dos Sistemas de Pensamento, no qual preparou inúmeros cursos a respeito da sociedade ocidental. Com o desenvolvimento dos seus estudos, o filósofo francês teorizou sobre o dispositivo característico do biopoder enquanto gestão da vida da população, a qual denominou de *biopolítica*.

O termo *biopolítica* aparece pela primeira vez em uma conferência ministrada por Foucault no Rio de Janeiro, intitulada *O nascimento da medicina social*¹¹ (1977). Posteriormente, a mesma expressão é encontrada em um contexto mais amplo: no último capítulo de *A vontade de saber* (1976) e na aula ministrada no *Collège de France* em março do mesmo ano e publicada com o título *Em defesa da sociedade*¹² (1975-1976). A *biopolítica*, nas obras de Foucault, está situada no “interior de uma estratégia mais ampla, que ele denomina de *biopoder*”¹³. Para uma melhor compreensão do termo *biopolítica*, é necessário fazermos uma distinção entre os conceitos de *biopoder* e o *poder de soberania*, principalmente na relação que cada um mantém com a vida e com a morte dos indivíduos. Enquanto o poder de soberania *faz morrer e deixa viver*, o *biopoder, faz viver e deixa morrer*.

Antes de prosseguirmos, vale frisar que Foucault não escreveu uma teoria do poder, antes encontramos em seus registros filosóficos uma série de análises acerca de seu engendramento. Na teoria clássica de soberania, a vida e a morte não são consideradas acontecimentos naturais, pois a vida e a morte dos súditos estão ligadas diretamente a vontade do soberano, principalmente a morte. Quando o regime de soberania torna-se obsoleto, a morte tomará outro aspecto, passando “a ser o momento

¹¹ “Para a sociedade capitalista, é o biopolítico que importava antes de tudo, o biológico, o somático, o corporal. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica.” (Foucault, M. *Microfísica do poder*. p.46)

¹² “O curso teve por objeto a gênese de um saber político que ia colocar no centro das suas preocupações a noção de população e os mecanismos capazes de assegurar sua regulação.” (Foucault, M. *Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)*, p.489)

¹³ PELBERT, P.P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*, p.55

em que o indivíduo escapa de qualquer poder”¹⁴. Essa passagem da centralidade quanto à morte deve-se essencialmente a mudança do regime de poder. Dessa forma, podemos afirmar que a teoria clássica da soberania remete a um mecanismo de subtração, a uma apropriação de coisas que deságuam no direito de supressão da própria vida.

No período clássico ou antigo regime, compreendido como período histórico que vai do fim do Renascimento até a Revolução francesa, o poder funciona como otimizador das forças as quais ele submete. Pelbart ao falar desse período explana:

nesse novo regime o poder é destinado a produzir forças e as fazer crescer e ordená-las, mais do que barrá-las ou destruí-las. Gerir a vida, mais do que exigir a morte. E quando exige a morte, é em nome da defesa da vida que ele se encarregou de administrar. (...) Os poderes levam suas guerras como gestoras da vida e da sobrevivência, dos corpos e da raça. É o discurso da vida, da sobrevivência, da sobrevivência: poder matar para poder viver, princípio alçado a estratégia de Estado.¹⁵

O *biopoder*, ao qual faz referência Michel Foucault, se reveste de duas formas capitais as quais denominou de *disciplina*¹⁶ e *biopolítica*¹⁷. Em linhas gerais, o objeto das práticas disciplinares é o corpo individual e o da *biopolítica* é o corpo múltiplo, o corpo coletivo, o homem como ser vivo; os mecanismos adotados nas práticas disciplinares são da ordem do adestramento do corpo, enquanto a *biopolítica* está relacionada aos mecanismos de previsão, de estimativa estatística etc. A finalidade do exercício disciplinar se refere à obtenção de corpos politicamente dóceis e economicamente utilizáveis, já a biopolítica, por sua vez, persegue o equilíbrio da população, sua regulação.

Percebemos que no poder disciplinar o corpo é considerado como máquina e no poder biopolítico o corpo é identificado como espécie. Podemos, assim, compreender as necessidades do biopoder revestido por essas duas formas principais, pois o *assujeitamento* dos corpos vem acompanhado de problemas relativos à população (longevidade, saúde pública, habitação, etc.). Ou seja, o poder disciplinar não exclui a biopolítica.

¹⁴ Idem, p.56

¹⁵ Ibidem, p.56-57

¹⁶ “O objetivo do poder disciplinar é aumentar a força econômica do corpo, ao mesmo tempo reduzir sua força política.” (Castro, E. *Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, p. 112)

¹⁷ “Há que entender por *biopolítica* a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de vivos enquanto população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça.” (Castro, E. *Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, p. 59-60)

Vale salientar que, mesmo essas duas faces integrantes do biopoder tenham se constituído, inicialmente, de forma separada, as anteriores acabaram se confluindo. Veiga-Neto expõe, resumidamente, sobre o assunto apresentado acima:

Estabelecem-se, assim, dois conjuntos de mecanismos complementares e articulados entre si, que ocupam esferas diferentes: na esfera do corpo, o poder disciplinar atuando por meio de mecanismos disciplinares; na esfera da população, o biopoder atuando por intermédio de mecanismos regulamentadores. Tais esferas situam-se em pólos opostos, mas não antagônicos: num pólo, a unidade; no outro, o conjunto.¹⁸

Para Foucault, ao longo da história do Estado moderno, o Estado governamentalizado representa a sua última instância de desenvolvimento. Esse estado está pautado nas temáticas referentes à população, articula-se por intermédio dos dispositivos de segurança e governa por meio dos saberes. A formação do Estado governamentalizado coincide, justamente, com a constituição da biopolítica, quer dizer, da racionalização dos fenômenos próprios da população. Por sua vez, essa racionalização se registra como baliza para uma racionalidade política própria do liberalismo. A essa temática, em especial, está dedicada o curso ministrado por Foucault no *Collège de France*, de janeiro a abril de 1979, intitulado *Nascimento da biopolítica*, que se apresenta como continuação do curso anterior, *Segurança, território, população* (1977-1978).

Foucault, inicialmente, tenta avaliar como o liberalismo, sendo um sistema preocupado com o outro no que concerne ao respeito dos sujeitos de direito e da liberdade dos mesmos, confluiria para o fenômeno da população. É a partir dessa análise, que o autor, quer saber como esse fenômeno foi levado em consideração, e como ele pode ser administrado. Para entender o que é liberalismo, Foucault apoiou-se nas análises de Paul Veyne acerca dos universais históricos, mais precisamente na obra *Comment on écrit l'histoire : essai d'épistémologie* (1970). O autor deixa claro que optar ou falar da prática governamental é deixar de lado certo número de noções (ex: soberano, súditos, estado etc.), quer dizer deixar de lado esses universais históricos que partem das ciências humanas, para analisar as práticas humanas constituintes do sujeito histórico. Como nos explicita o próprio Foucault:

[...] mas gostaria desde já de lhes indicar que optar por falar ou partir da prática governamental é, evidentemente, uma maneira explícita de deixar de lado como objeto primeiro, primitivo, dado, um certo número de noções, como, por exemplo, o soberano, a soberania, o povo, os súditos, o Estado, a sociedade civil – todos esses universais que a análise sociológica, assim com a análise histórica e a análise da filosofia política, utiliza para explicar efetivamente a prática governamental. Eu gostaria de fazer precisamente o inverso, isto é, partir dessa prática tal como ela se apresenta ao mesmo tempo tal como ela é

¹⁸ VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*, p.73

refletida e racionalizada, para ver, a partir daí, como pode efetivamente se constituir um certo número de coisas, sobre o estatuto das quais será evidentemente necessário se interrogar, que são o Estado e a sociedade, o soberano e os súditos, etc.¹⁹

Em vez de partir dos universais históricos para se deduzir fenômenos concretos, o autor parte dessas práticas concretas para fomentar sua análise acerca do tema. O que Foucault havia tentando identificar era a emergência de certo tipo de racionalidade na prática governamental a qual denomina “razão de estado”. Essa razão de Estado, parafraseando G. A. Palazzo, é uma arte que permite desvendar como fazer com que a ordem e a paz se mantenham no interior da república e, necessário dizer, que o filósofo a encara no contexto de formação da biopolítica: “Governar segundo o princípio da razão de Estado é fazer que o Estado possa se tornar sólido e permanente, que possa se tornar rico, que possa se tornar forte diante de tudo que pode destruí-lo.”²⁰

Em sua análise concernente ao liberalismo, Michel Foucault, vai enxergá-lo não como uma teoria ou ideologia e “menos ainda, claro, como uma maneira de a ‘sociedade’ ‘se representar’, analisará, sim, como uma prática dirigida para determinados escopos e ‘regulando-se por uma reflexão contínua’ ”²¹. Falar em um liberalismo como princípio e método implica em dirigir-se a duas consequências. A primeira se refere à aplicação do princípio máximo da economia e não constitui a especificidade do liberalismo como uma prática governamental. A segunda, por sua vez, afirma que “a ação de governar a conduta dos indivíduos a partir do Estado, não pode ser um fim em si mesma”²², essa ação de governar constitui a especificidade buscada pelo liberalismo a fim de constituí-lo como prática. Nesse último ponto, o liberalismo rompe com essa “razão de Estado” e com a tecnologia a qual está vinculada *Polizeiwissenschaft*²³. Vale dizer que Foucault salienta em diversos momentos, que o liberalismo não se reduz a uma teoria econômica ou jurídica. O mercado nesse viés é, portanto, um ambiente no qual o liberalismo pode desvelar sua racionalidade política enquanto prática governamental limitadora.

Portanto, Foucault em vez de enxergar o liberalismo como uma doutrina que busca certo número de objetivos, o filósofo compreende essa doutrina como uma forma de reflexão crítica sobre uma prática governamental, essa crítica pode vir do interior da

¹⁹ FOUCAULT, *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*, p.4-5

²⁰ FOUCAULT, *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*, p.6

²¹ FOUCAULT, *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*, p.432

²² CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, p.244

²³ Ciência da polícia

própria prática ou do exterior e pode estar calcada também em outra teoria econômica. Entende-se por liberalismo uma doutrina onde o indivíduo é o fundamento / pressuposto. Assim, o liberalismo está

ligado à promoção do individualismo, se por isso entendemos o valor último que um sistema político reconhece ao indivíduo e à sua singularidade expressa sob a forma de um grau de independência substancial que lhe é concedido por sua sociedade ou seu grupo de referência.²⁴

Foucault, portanto considerará o indivíduo não como a condição de possibilidade do dispositivo político que caracteriza a modernidade, mas sim como produto desse dispositivo, nesse sentido o governo dos indivíduos corresponde a um governo massificado, ou seja, um governo biopolítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na genealogia foucaultiana, pode-se facilmente vislumbrar os processos de governamentalização da vida, primeiramente no que se refere à história, tendo em vista que todas as políticas práticas governamentais foram destinadas aos processos de vida e, sobretudo, no que se refere ao poder na sua totalidade e não em suas exceções “patológicas”²⁵.

Foucault foi, sem dúvida, o autor que deu maior difusão à noção de biopolítica, noção esta compreendida como o processo pelo qual a vida se torna objeto de táticas e estratégias políticas, como expresso no final do primeiro volume de sua *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*:

O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio de regulações. É por isso que, no século XIX, a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, [...]. Mas vêmo-la também tornar-se tema de operações políticas, de intervenções econômicas [...] é empregada como índice da força de uma sociedade, revelando tanto a sua energia política como seu vigor biológico. Dê um pólo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina e o da regulação das populações²⁶

Nesse sentido o indivíduo não mais corresponde a população, pois como tal, ela é capturada, reforçada e fechada pela técnica da política. Biopolítica é, então, para

²⁴ LAZZERI *apud* CANDIOTTO, C. *Cuidado da vida e cuidado de si: sobre a individualização biopolítica contemporânea*, p.470

²⁵ O Estado de exceção patológico é aquele pelo qual, na modernidade, tudo se torna objeto de patologização, nesse sentido cria-se espaços cercados e isolados, para que aquelas vidas que estão ali inseridas não sejam excluídas, esses espaços dissolvem-se na regra de forma a não mais se distinguir delas.

²⁶ FOUCAULT, *História da Sexualidade Volume I: A Vontade de Saber*, p.159.

Foucault, um horizonte de apropriação, subtraído da política em sua face de Estado ou de Regime Soberano²⁷. Em *Vigiar e punir*, a crise do modelo clássico de soberania, é representada pelo declínio dos castigos, sendo marcado pelo surgimento de um novo poder disciplinar direcionado para a vida dos indivíduos em questão, a pena de morte – condenação por desmembramento, por exemplo – constituía uma quebra no contrato que o indivíduo culpado havia estabelecido com o soberano. Como resultado, o filósofo de Poitiers dedicou-se ao estudo do conceito de governamentalidade, para abordar como o poder é exercido através de um conjunto de instituições, saberes e práticas não só dos indivíduos, mas também como esse poder se exerce a partir de políticas populacionais.

Em certo sentido, a análise da economia política feita por Foucault em *Segurança, Território e População* e *O Nascimento da Biopolítica*, é apresentada como uma crítica do liberalismo, e, conseqüentemente, a racionalidade política da modernidade, nas palavras do autor:

Não se pode, portanto, dizer que o liberalismo seja uma utopia nunca realizada [...] Não é um sonho que se choca com uma realidade e nela deixa de se inscrever. Ele constitui – e nisso está a razão de seu polimorfismo e de suas recorrências – um instrumento crítico da realidade: de uma governamentalidade anterior, da qual se se procura distinguir; de uma governamentalidade atual que se tenta reformar e racionalizar.²⁸

Foucault, portanto, nos permite repensar a própria idéia de comunidade em uma perspectiva diferente para a tradição da teoria política moderna, partindo das análises do conceito de vida, biopoder e segurança o filósofo demonstrou a genealogia da racionalidade moderna, tal racionalidade assume diferentes formas, científica e técnica, uma racionalidade de Estado que impõem modelos de governamentalidade e procedimentos de controle.

²⁷ Newton Bignotto no prefácio da obra *Soberania: a Construção de um Conceito*, de Raquel Kritsch, ressalta que a soberania é comumente associada ao nome de Jean Bodin (1530 – 1596), pois Bodin sistematiza em sua obra *Les six Livres de La Republique* publicado em 1576 o tema da soberania, afirmando que essa soberania é “a potência absoluta e perpétua de uma República” (BODIN, J. apud BIGNOTTO, N. *Soberania: a Construção de um Conceito*, p. 10).

²⁸ FOUCAULT, *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*, p.92

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BILLOUET, Pierre. *Foucault*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CANDIOTTO, Cesar. *Cuidado da vida e cuidado de si: sobre a individualização biopolítica contemporânea*. Dissertatio, UFPel [34, 2011] p. 469 – 491.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *História da Sexualidade Volume I: A Vontade de Saber*. São Paulo: Graal, 2010.

_____. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KRITSCH, Raquel. *Soberania: a Construção de um Conceito*. São Paulo: IMESP, 2002.

PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

